

“Papelzinho” - Parte II

Prof. Dr. Afonso Carlos Neves

Alguém pode talvez dizer que com tantos problemas ambientais monumentais como a destruição da Floresta Amazônica, o vazamento de petróleo no Golfo do México, o aquecimento global, a extinção de espécies, o derretimento dos pólos, etc., lembrar do papelzinho que a gente joga pela janela do carro é uma minúcia desnecessária.

Ocorre que, fazendo uma comparação já muito utilizada em diversas situações, o papelzinho é apenas uma pontinha de um iceberg, no qual o Titanic da nossa maneira de ser pode vir a bater. Esse Titanic é um belo navio, com todas as comodidades dos tempos atuais, a gente pensa que ele é “inafundável”, devido a todos os avanços tecnológicos, mas esse iceberg pode revelar surpresas desagradáveis, surpresas essas para aqueles que não dão ouvidos ao discurso ambientalista de qualquer vertente.

Uma parte desse iceberg está, por exemplo, na coleta seletiva de lixo na cidade de São Paulo. Nestes dias, tem sido noticiado que, devido a haver apenas 16 cooperativas que trabalham com material reciclável na cidade, o excesso desse material está sendo jogado nos aterros sanitários. Devemos assinalar que há um bom sinal nisso: há mais cidadãos separando mais resíduos que possam ser reaproveitados. No entanto, a cultura ambientalista não está suficientemente difundida, de modo que o poder público pudesse prover o aproveitamento devido deste momento, em que há um maior engajamento das pessoas. Isso vai acabar dando força àquele que “joga o papelzinho”. Ele pode dizer: “Tá vendo? Não adianta nada a gente fazer tudo certinho.”

Parte da causa desse problema pode ser o “burocratismo”. Em São Paulo há dezenas de cooperativas de coleta seletiva, mas o rigor burocrático faz com que a maioria não seja aprovada para a atividade. Alguns vão dizer que não se pode ser “licencioso” e aceitar qualquer cooperativa, que talvez não tenha condições de obedecer certos rigores da coleta. Ocorre que essas cooperativas fazem a coleta mesmo assim, no entanto, fazem a seu modo e separadas do grupo que recebe a coleta seletiva da prefeitura. Seria então o caso de autorizar as cooperativas a receberem material e haver uma gradual adaptação às condições ideais de funcionamento. Há necessidade de não se perder o *timing* dos acontecimentos

quando se trata de questões ambientais. Tem-se que colocar o tempo a favor dos processos de melhora do meio ambiente, pois, de modo contrário, o retardo nas ações é cumulativo e de crescimento exponencial, levando a eventos que já estão acontecendo e a outros que estão por vir.

Assim, voltando ao papelzinho, podemos passar a ter esta atenção, este foco nas coisas ambientais, começando pelos nossos próprios atos do dia a dia.